

A SINGULARIDADE DA MONTAGEM EM LEYA MIRA BRANDER

Sandra Checluski

RESUMO

A questão da montagem é tratada como um importante procedimento na produção gráfica da artista paulistana Leya Mira Brander. Evitando a mera homogeneização, procura-se considerar os seguintes aspectos relacionados à montagem: por seriação temporal, por anacronismo, por justaposição, por colagem, por sobreposição, por sobreposição dedutiva, por aglomeração.

Palavras Chave

Leya Mira Brander, gravura em metal, procedimento de montagem.

Abstract

The Montage issue is dealt as an important procedure in the Leya Mira Brander's graphic work, an artist from São Paulo. Avoiding a simple homogenization, seeks to consider the following aspects related to the Montage: by time serialization, by anachronism, by juxtaposition, by collage, by superposition, by deductive superposition and by agglomeration.

Key words

Leya Mira Brander, metal engraving, montage procedure.

Nenhuma outra definição pareceria tão precisa como a que dá nome a esse evento: *Estados de [In]Certeza*. Nesses recentes três meses de Mestrado, estamos tendo a sorte e oportunidade, logo de saída, de poder dividir com os colegas e público inquietações acerca de nossas pesquisas e perceber os variados estágios de maturação pelos quais tendem a passar. Embora minhas investigações estejam num nível muito mais intuitivo e insipiente do que delineadas, algumas questões começaram a ganhar relevo em meus olhos, mesmo que tenha claro que o mergulho necessário para descortiná-las e adensá-las ainda não foi feito nesse pedaço de chão movediço que vem se formando.

O tema central de minha pesquisa diz respeito à produção da artista e ilustradora Leya Mira Brander (São Paulo, 1976), com a qual tive meu primeiro contato na época em que cursava a graduação em Artes Plásticas na UDESC,

quando monitora da disciplina de Gravura. Durante um período das minhas experimentações nessa linguagem, a então professora da disciplina, Nara Milioli Tutida, notou certa semelhança entre o meu trabalho e o da artista no que respeitava ao uso da palavra e da imagem, e indicou-a como uma referência. Meu encantamento e identificação foram imediatos, apesar das poucas imagens a que tivera acesso, pois se encontram em sua maioria dispersas na internet, no *blog* da artista¹, em *flickr*s de visitantes de suas exposições, ou ainda em alguns poucos catálogos e no site da Galeria Vermelho (SP) que comercializa suas obras. Essa dificuldade em obter mais dados e informações, devido à inexistência de textos e artigos que abordassem a sua produção ou relatos da própria artista a respeito de seu processo de criação, fez com que eu deixasse para outro momento a pesquisa, a qual está sendo retomada agora.

Partindo dessa restrição e condicionamento, comecei a fazer um levantamento das imagens que encontrava na internet, a partir das quais pude perceber alguns gestos presentes em seu trabalho, dos quais se fez notória a diferença de procedimentos que vem utilizando na composição de suas imagens ao longo dos quase vinte anos de sua carreira. Gravadas em sua maioria com as técnicas de água-forte e/ou água-tinta, Leya Mira Brander compõe suas imagens de maneira figurativa, explorando desenhos de anatomia humana e geométricos, motivos decorativos, além de elementos ordinários como rótulos e embalagens, entre tantos outros mais, fazendo uso também da citação da história da arte através de reproduções gráficas que metamorfoseiam pinturas de artistas como Edgar Degas (1834-1917), Giorgio De Chirico (1888-1978), Hieronymus Bosch (c.1450-1516), Egon Schiele (1890-1918), Louise Bourgeois (1911-2010) e Frida Kahlo (1907-1954).

Desde a década de 90, Leya Mira Brander vem expondo em mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior das quais se destaca a sua participação na 28ª Bienal de São Paulo. Valendo-se da gravura em metal, que encontra suas primeiras experimentações no século XV, ligadas à ornamentação no trabalho de ourivesaria e bastante difundida pela necessidade de reprodução de imagens impressas

¹ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/>, acesso em outubro de 2012.

possibilitada pelo desenvolvimento dos processos gráficos da época, Leya esmiúça essa técnica tradicional num movimento que transita entre a elaboração de uma imagem simples, plana e de tiragem única, a uma seriação seguida de intervenções nas impressões, de modo a torná-las tridimensionais: as tais *gravura-objeto*, como define a crítica de arte Magnólia Costa² em seu pequeno texto de apresentação da exposição da artista chamada *O Monte de Coisas*, realizada no Centro Cultural São Paulo, em 2011.

As mais de mil chapas já produzidas pela artista carregam a possibilidade quase infinita de rearranjo através de um dos procedimentos que compõe seu gesto, o de *justaposição*, e constroem narrativas diversas acerca do amor, da morte, do feminino e do desejo, do tempo e da memória (como quando se apropria de imagens fotográficas de seu arquivo pessoal), do cotidiano, da solidão, do abandono, da melancolia, tangendo questões como a aleatoriedade, a densidade, a delicadeza, o movimento, o vazio da existência, o desperdiçado, a religião, a mitologia e o misticismo, que aparece na referência a elementos do *I ching*, do *Tarot* e da Astrologia. Numa montagem de paisagens externas e internas, seu discurso configura-se autobiograficamente, onde as palavras encontram um espaço singular e parecem advir de seu diário pessoal, ora mescladas a imagens ora avulsas, combinadas e recombinadas, numa espécie de rearranjo do tempo e da memória anunciados por esse gesto de justaposição que permite a aproximação de imagens antigas àquelas que vêm produzindo atualmente.

A partir de um seminário temático ministrado pelo Prof. Dr. Luiz Felipe Soares, nesse segundo semestre de 2012, intitulado *Teoria(s) da Imagem, Montagem e[m] Aby Warburg*, esses procedimentos de criação começaram a entrar em meu campo de análise, pois seu conteúdo me permitiu perceber a diversidade de procedimentos utilizados pela artista na fatura de suas imagens, que vão desde aqueles que envolvem o processo de gravação e impressão de uma única imagem sobre o suporte papel, aos elaborados por combinações e recombinações de matrizes impressas num mesmo suporte, muitas vezes combinadas a palavras ou a

² Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2011/06/centro-cultural-sao-paulo.html>, acesso em outubro de 2012.

outros materiais que fazem parte do fazer da gravura, como fios de cobre, matrizes recortadas, aplicação de folha de ouro em alguns detalhes de imagens [o que nos remete à ourivesaria e iluminuras medievais], incluindo a experimentação de formatos de caixas, álbuns e gravuras suspensas no ar. Todas essas composições se valem, entretanto, de procedimentos de *montagem*. Diante da constatação, foi possível observar certa proximidade entre o trabalho de Leya Mira Brander e o *modus operandi* proposto por Aby Warburg na composição do seu *Der Bilderatlas Mnemosyne*³.

Em uma tentativa de tentar “ouvir” o que os trabalhos da artista tinham a revelar, passei a me debruçar sobre as imagens a fim de esboçar uma primeira abordagem sobre essa relação, e me pareceu mais viável e oportuno pensá-la primeiramente no âmbito da *montagem como procedimento de fatura*, exercício que rendeu até o presente momento a listagem de sete diferentes procedimentos, para os quais atribuí nomes provisórios, mas que de modo algum pretendem reduzir, delimitar ou definir a metodologia utilizada pela artista, e sim servir como ponto de partida para uma análise posterior mais consistente. A saber:

- 1- *Montagem por seriação temporal* (consecutividade nas narrativas visuais);
- 2- *Montagem por anacronismo (embaralhamento temporal)*;
- 3- *Montagem por justaposição* (imagem + imagem ou + palavra);
- 4- *Montagem por colagem*;
- 5- *Montagem por sobreposição* (seriação + recorte + sobreposição);
- 6- *Montagem por sobreposição dedutiva* (seriação + recorte + subtração de elementos visuais);
- 7- *Montagem por aglomeração* (combinação de materiais do fazer da gravura).

Os três primeiros procedimentos de montagem ocorrem essencialmente no interior da impressão, ou seja, na articulação de elementos que formarão a própria imagem. Os demais dizem respeito a uma adulteração na integridade dos suportes dessas impressões.

³ WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Edições Akal, 2010.

Montagem por seriação temporal (estudos de movimento – narrativas visuais)

A montagem denominada provisoriamente por *seriação do movimento* tem sua matriz – e mesmo apropriação – em estudos de movimentos sequenciais bastante explorados no final do século XIX por fotógrafos como Etienne Jules Marey (França, 1830-1904) e Eadweard J. Muybridge (Inglaterra, 1830-1904), que posteriormente deram origem ao cinema de animação. Dos exemplos de montagem que serão abordados aqui, é o que mais se aproxima a esse tipo de fotografia e do cinema pela tentativa de apreensão do movimento evidenciado em estudos que sequenciam gestos humanos e voos de pássaros, por exemplo.

Em um desses trabalhos, *Sem título*⁴, sem data, a artista se autorretrata graficamente numa sequência de movimentos onde aparece primeiramente nua e de costas e vai, ao longo da sequência, se deitando em uma cama sob um cobertor. Existem exemplos desse procedimento que se mesclam a outras formas de montagem, como no caso da seriação aliada à palavra, conforme o trabalho *Sem título*, sem data, que faz parte do acervo da Galeria Vermelho, no qual se lê numa primeira chapa, acima e à esquerda, *vazio e cristalino como um copo de água, integral e incompreensível como um copo de leite*, e na segunda, acima e à direita, *a falta era tanta que ele parecia maior*.

Montagem por anacronismo

A *montagem por anacronismo* se refere àquela que problematiza o tempo em relação à imagem e seus paradoxos, os sintomas a eles relacionados, e o entendimento da história e da própria história da arte como montagem, conforme menciona Vera Pugliese em seu artigo *O anacronismo como modelo de tempo complexo da espessura da imagem*⁵.

⁴ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2010/12/blog-post.html>, acesso em outubro de 2012.

⁵ PUGLIESE, Vera. **O anacronismo como modelo de tempo complexo da espessura da imagem**, In Revista Palíndromo, v. 6, n. 6, 2011, págs. 13 a 51.

No trabalho *Sem título*⁶, sem data, Leya Mira Brander aproxima temporalidades diferentes, fazendo a citação de duas artistas somada à sua numa mesma imagem. Da esquerda para a direita vemos Louise Bourgeois, Leya Mira Brander e Frida Kahlo, que se encontram aqui de modo anacrônico, uma vez que pertencem a temporalidades diferentes, mas aproximadas por seus interesses poéticos que recaem sobre a figura feminina e no uso da palavra em tom confessional que permeia parte do conjunto de suas imagens.

Outras citações que remetem à temporalidade das imagens podem ser vistas nos trabalhos em que revisita graficamente obras de arte e ilustrações de tempos diversos, como em *Sem título*⁷, sem data, onde uma sequência de três imagens, provavelmente retiradas de um compêndio de medicina ou atlas de anatomia, talvez do século XIV tal qual sugere a numeração que consta da própria imagem, 1345, é justaposta ao seguinte texto: *uma cidade de contrastes me faz enxergar os brancos e guardar tua voz no meu ouvido | fotografar para acreditar | desenhar para duvidar | o amor é frágil como superstição | sensível como uma planta carnívora | eu falo sozinha | é o meu cabelo, é o meu coração | são os meus pés dentro dos sapatos | Dormi e acordei aqui | Tentativas de entender os caminhos possíveis | como se meu corpo fosse um recipiente de sensações | eu vou me levar para passear.*

Montagem por justaposição (imagem + imagem ou + palavra)

O terceiro procedimento de montagem, denominado *justaposição*, talvez seja o mais recorrente no conjunto da obra da artista, pois se trata da combinação de matrizes diversas, antigas e recentes, que se configuram em outro trabalho a cada nova composição. Nesse processo, as matrizes que tanto podem ter um conteúdo imagético ou textual sofrem um rearranjo simbólico através desse processo combinatório.

⁶ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2009/12/superle.html>, acesso em outubro de 2012

⁷ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2010/04/1345.html>, acesso em outubro de 2012.

Esse mesmo recurso de montagem aparece como escolha expográfica de seus trabalhos, como em *Never Mind*, 2011, realizada na Galeria Rostrum, em Malmo, na Suécia, que a aproxima novamente da proposição de Aby Warburg materializada no já mencionado *Der Bilderatlas Mnemosyne*. A respeito do *Atlas* de Warburg, Pugliese nos fala que a associação das imagens ali selecionadas vai muito além de uma questão meramente formal, pois parte de uma lógica complexa em termos da legibilidade das imagens inter-relacionadas anacronicamente. O inacabamento de cada painel sinaliza o percurso do pensamento de Warburg que, em sua investigação das imagens, se coloca aberto para o seu reposicionamento, modificando a relação entre elas no conjunto de cada prancha. Diante disso podemos, quem sabe, pensar o trabalho de Leya Mira Brander em relação ao procedimento adotado por Warburg, no seu *Atlas*: este último propõe constelações inabituais a partir de imagens do mundo que sobrevivem ao longo da história em diferentes momentos e culturas, ao passo que a artista o faz confeccionando imagens a partir de leituras do seu mundo, abarcando elementos ordinários, de seu cotidiano, bem como tentando dar conta do extraordinário, do inapreensível, que espreitam a vida de qualquer ser humano em imagens que fazem alusões à mística, como também em seu próprio interesse na revisitação de imagens consagradas na história da arte, retomando seus fantasmas.

Montagem por colagem

O quarto procedimento se refere à *montagem por colagem*. Nas artes visuais, a colagem foi desenvolvida por Georges Braque (1882-1963) e Pablo Picasso (1881-1973) por volta de 1911, no final da primeira fase do cubismo, a analítica. Sua importância reside no fato de ter provocado um redirecionamento no olhar do espectador e em seu processo cognitivo no momento em que também instituiu a *tatilidade* como novo elemento associado à tradição ótica. Além disso, ofereceu o *princípio de síntese para a constituição da montagem, o acentramento, o caráter disruptivo, a imediatividade da imagem complexa em parataxe, a dinamicidade do*

*espectador, a estrutura indicial sob a estratégia metonímica e a simultaneidade de diversas temporalidades, afirma Pugliese*⁸. (PUGLIESE, 2011, p. 35)

Nos trabalhos de Leya Mira Brander, imagens são recortadas, combinadas e coladas sobre um novo suporte, formando uma nova imagem. Em trabalhos como *Sem título*⁹, sem data, recortes de peixes são mesclados a representações gráficas de fotografias de sua família e a um estudo anatômico onde se lê *A falta era tanta*. No trabalho *Sem título*, sem data, Leya compõe um álbum com gravuras em metal e matrizes recortadas e coladas, cuja capa é revestida de cobre.

Montagem por sobreposição (seriação + recorte + sobreposição)

Com este procedimento, *montagem por sobreposição*, a artista propõe uma tridimensionalidade em suas obras, que consiste na seriação de uma mesma imagem, recorte e posterior sobreposição delas no espaço, a partir de duas maneiras. Podemos ter como primeiro exemplo *Coração Aberto*, 2011, no qual imagens impressas são recortadas, coladas e elencadas em camadas que criam uma concavidade produzida a partir da extração dos miolos das imagens, e que convidam o olhar para um mergulho. Já em *Sem título*, sem data, a imagem de uma planta é seriada, recortada e sobreposta de maneira a saltar da composição. Nessas duas imagens lemos *Coração Aberto* e *No mundo das alegrias indestrutíveis não existe desencontro o tempo é correto e as diferenças também*, respectivamente.

Montagem por sobreposição dedutiva (seriação + recorte + subtração de elementos visuais)

A montagem formada a partir da seriação, recorte e subtração de elementos visuais de uma imagem é bastante semelhante à montagem por sobreposição – aliás, a sobreposição é uma das etapas desse procedimento, porém dela se

⁸ PUGLIESE, Vera. **O anacronismo como modelo de tempo complexo da espessura da imagem**, In Revista Palíndromo, v. 6, n. 6, 2011, págs. 13 a 51.

⁹ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2010/05/passatempo.html>, acesso em outubro de 2012.

distingue por uma redução do conteúdo da imagem, do último para o primeiro plano. Cada uma dessas camadas, em alguns casos, quando isoladas e destituídas da visualização dos planos que a precedem, beiram à abstração, ficando a cargo do trânsito do olhar, que avança nessas espécies de caixas nas quais se transformam, a apreensão por completo da imagem. Tal procedimento pode ser visto em *Sem título*¹⁰, 2011, acervo Galeria Vermelho, no qual a artista utiliza o recurso da xerox transferência para reproduzir uma imagem fotográfica sobrepondo a ela *Os sete cinzas e as sete chaves*, e em *Sem título*¹¹, sem data, onde reproduz graficamente a pintura *O prestidigitador*, de Hieronymus Bosch.

Montagem por aglomeração (combinação de materiais do fazer da gravura)

Na *montagem por aglomeração*, diferentes suportes são usados na fatura da imagem, incluindo principalmente materiais como o papel e o cobre, que são manipulados por recortes e colagens e transformados em caixas, livros, álbuns, objetos. Em *A Casa que não cai*, sem data, uma geodésica é composta pela junção de fragmentos de algumas gravuras impressas em papel e pequenos pedaços de chapa de cobre, dando forma a uma gravura-objeto.

Se fosse a intenção dessa pesquisa mapear toda a produção imagética da artista, estaria ela, logo de início, fadada ao fracasso, veredito que se anunciaria pela possibilidade de rearranjo de suas matrizes que singularizam seu gesto. No entanto, se faz mais que necessário aprofundar essa pesquisa pensando também a montagem no interior da própria imagem e sua rearticulação simbólica promovida a cada nova combinação das matrizes, de modo a tentar entender e tornar mais claro o gesto que articula o arquivo imagético da artista, assim como dar início ao preenchimento da lacuna hoje existente no que diz respeito a uma produção e documentação textuais consistentes que reduzam as distâncias entre o público e as suas obras.

¹⁰ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2010/06/aquele-abraco.html>, acesso em outubro de 2012.

¹¹ Disponível em <http://leyamira.blogspot.com.br/2010/07/bosch-ta-vendo.html>, acesso em outubro de 2012.